

RELIGIÃO E PATRIA.

PERIODICO RELIGIOSO, POLITICO E NOTICIOSO.

RESPONSÁVEL — T. G. DE SOUSA PINTO.

ADMINISTRADOR — J. A. DE FÁRIA SILVA

SEM ESTAMPILHA.

Por uma serie ou 50 numeros.....1\$200 rs.
Folha avulso.....40 rs.

Annuncios por linha 30 rs. — repetição 20 rs. — Correspondencias particulares 30 rs. por linha.
— As publicações litterarias serão annunciadas, sendo enviados a esta redacção dois exemplares. Toda a correspondencia deve ser dirigida franca de porte ao administrador d'este jornal. A assignatura deve ser paga adiantada.

COM ESTAMPILHA.

Por uma serie ou 50 numeros.....1\$450 rs.
Folha avulso.....50 rs.

2.^a SERIE

Quinta-feira 10 de Setembro de 1863.

N.º 8.

GUIMARÃES 9 DE SETEMBRO.

Se em algum tempo houve n'este paiz apprehensões serias e graves a respeito do modo como n'elle corriam as cousas de religião, nunca por certo a perturbação e a desordem revolucionarias se manifestaram tanto ao claro como na epocha que vamos atravessando.

«Guerra de morte ao catholicismo» é o brado unisono que por ahi se ouve todos os dias pregado em voseria solta e dissolta; guerra de morte ao Catholicismo, porque o catholicismo é o bem, e nós queremos o mal; porque o catholicismo é a ordem, e nós queremos a desordem; porque o catholicismo é a verdade, e nós queremos o erro!

Se as ordens religiosas nos embargam o passo no nosso caminho de prevaricação, e oppõem barreiras ao desentreamento de nossas paixões, exterminem-se as ordens religiosas, e sirvam os seus bens para satisfazer a nossa avidez do alheio; se o Episcopado, conscio dos seus deveres, teuta fazer-nos parar, oppondo ao nosso desregramento os mandamentos da lei, guerree-se o episcopado, desautorize-se, desprestigie-se, usurpem-se-lhe os seus direitos, cerceem-se-lhe as suas rendas, e obrigue-se a, bom ou mau grado, contemporisar connosco: se o clero é ainda, pela influencia moral que exerce sobre os povos, o mais forte sustentaculo da fé e da virtude, e a mais insuperavel barreira que se oppõe ás nossas tentativas, guerree-se o clero, calunnie-se o padre exemplar, affaste-se do ensino o sacerdote esclarecido, e busque-se todo o meio de o depreciar e desautorizar: se o culto externo, pela salutar influencia que tem sobre a religiosidade do povo, é um obstaculo grande á insinuação da irreligiosidade no animo do mesmo povo, proclame-se a sua desnecessidade, chame-se-lhe superstição e fanatismo, e procure-se, á custa de tudo, cortar-lhe a magestade e a grandeza; se as crenças e devoções dos fiéis, bebidas com o leite da infancia, estão de tal sorte arreigadas, que não é facil substituil-as pela descrença e pelo indifferentismo, grite-se que o povo está em trevas de profundo obscurantismo, e que é preciso dar-lhe luz, muita luz. Para isto espalhem-se por elle bonitas e baratas edições de folhetos e livros por onde se lhe possa inocular o veneno de nossas perversissimas doutrinas: pregue-se-lhe no romance, na imprensa, nas praças, nos caffès, por toda a parte, o protestantismo, como principio de indiferença

em materias religiosas; e prepare-se d'este modo o caminho para ulteriores operações. Se no ensino da infancia e da mocidade predomina ainda, como devêra de predominar sempre, o elemento catholico e religioso, pague-se ahi uma liberdade de ensino, em que, por uma odiosa excepção, fique de fóra do quadro do mesmo ensino esse elemento catholico e religioso. Guerree-se tudo o que nos faça mal, e proteja-se tudo o que nos faça bem. Guerree-se a liberdade da associação religiosa, e proteja-se a associação maçonica; guerree-se a propaganda catholica e proteja-se a propaganda protestante; guerree-se o bom clero, e accumule-se o mau de bens e de favores; insulte-se o Episcopado, quando mostra desejos de cumprir o seu dever, e applaudam-se todas as usurpações que o poder civil faz dos direitos do mesmo; premeie-se todo o vicio, todo o erro, todo o mal, e persigua-se finalmente todo o bem, toda a verdade, toda a virtude.

Eis, em resumido, mas fidelissimo quadro, o estado em que se acham entre nós as cousas de religião. A tão apregoada liberdade e o tão decantado progresso, com que os homens das chafaricas nos aturdem todos os dias os ouvidos, dão-nos como specimen do que podem, e valem e querem, esse estado de perturbação e de desordem, a que tem conduzido o paiz, e que o tem collocado na borda de um temeroso abysmo.

Um facto porem vem ainda alentiar as esperanças dos que, como nós, creem na breve renascença do esplendor do catholicismo n'este fidelissimo reino de Portugal, e esse eil-o:

Esse lamentavel estado de humilhação e abatimento em que entre nós se acha a Religião e a Egreja catholica, não pôde nem deve ser attribuido ao povo, o qual na sua maxima parte, se tem conservado fiel á sua fé e ás suas tradições, sem se deixar levar pelas enganosas apparencias com que a *pelreirada* pretende coonestar a sua obra de destruição e de ruinas.

O povo portuguez é um povo verdadeiramente catholico, amante da sua religião, e filiado cordealmente no gremio da Egreja.

E vem aqui a proposito o registrar um facto glorioso para todos nós, os portuguezes que sinceramente amamos as glorias e o bom nome da nossa patria; é elle a maneira heroica e corajosa, com que um portuguez de coração vingou, perante a respeitavel assemblea do congresso catholico celebrado ha pouco em Mantes, a honra e a gloria da sua patria, que uma má apreciação dos factos que ultimamente se tem passado entre nós, fizera estar sendo ver-

berada pela palavra eloquente de Mr. Montalembert. Sentimos que a pequenez da nossa folha nos não dê espaço para trasladarmos aqui toda a carta em que a pena elegante e esclarecida do sr. doutor Gomes d'Abreu aponta varios successos importantes d'aquelle memoravel congresso, mas não podemos resistir ao impulso que nos move a transcrever a parte d'ella, que narra o facto que apontamos.

Vem na *Nação* de 31 de Agosto, e é como se segue:

«Apenas entrei na grande sala, onde já estavam perto de quatro mil pessoas, percorri com os olhos a primeira fileira de cadeiras, que se seguia á dos prelados, e a terceira ou quarta pessoa que se assentava do lado, por onde eu entrara, era D. Antonio de Almeida. Aproximei-me d'elle, como pude; toquei-lhe no hombro; e elle apenas deu com os olhos em mim saltou fóra da cadeira a abraçar-me, em quanto eu ainda mais uma vez bendizia a Providencia, que me deparava a consolação de encontrar-me ahi com um portuguez catholico, e antigo companheiro na Universidade.

«Dizer-vos tudo quanto se passou nestes quatro dias, é-me impossivel. Espero mandar-vos a *Gazeta de Lage*, onde vereis o que não tenho tempo de escrever. Ha todavia um facto que não posso deixar de referir-vos, porque não sei, como d'elle darão conta os jornaes.

«Na sexta feira continuava seu longo e bello discurso mr. o conde de Montalembert. Como sabeis mr. de Montalembert é um dos primeiros oradores deste seculo; mas campeão de uma idéa que não tem grande sequito em França, não pôde fallar nas questões religiosas sem entrar muito a dentro nas politicas. Apesar de todos vermos e apalparmos, que por toda a parte o liberalismo é um falso programma dos revolucionarios, e que os chamados liberaes, com raras excepções, não são mais nem menos do que os inimigos do catholicismo; apesar dos factos que todos os dias nos mostram o que quer dizer — *Egreja livre no estado livre*; todavia mr. de Montalembert cre que o programma é exequivel, que os liberaes ha-de ver-se obrigados a ser sinceros, e que o que todos devemos exigir é essa livre Egreja no Estado livre.

«Para documentar a sua doutrina recorreu á historia antiga e contemporanea, e referindo-se a esta disse: «ahi tendes a Hespanha, onde se diz que ha protecção para a Egreja, e lá a Egreja e escrava; ahi tendes Portugal, onde a letrada da protecção á Egreja, e vede o que por lá se tem feito.» E começou entao a enumerar a con-

fiscação dos bens ecclesiasticos, a expulsão das Irmãs de Caridade, a tyrannia do poder civil opprimindo com vara de ferro o poder ecclesiastico, os insultos dirigidos contra o Papa, a timidez do clero, etc, etc. Eu achava-me dois passos atraz de mr. de Montalembert; e logo ao lado junto ás cortinas do docel, sob que estava um Crucifixo, achava-se D. Antonio de Almeida. Cahiam-me as faces de pejo, vendo alli verberado o nosso Portugal com espanto e admiração de todo o congresso. Os factos eram verdadeiros; mas a apreciação, em quanto attribuia ao geral do povo portuguez aquelles attentados, era falsa, falsissima. Apesar de que era necessario ter perdido a palavra 8 dias antes, para ser inscripto o orador que houvesse de fallar, eu meditava na necessidade de pedir ao presidente uma excepção para vingar a minha patria ultrajada, e dizer a mr. de Montalembert que elle ignorava, quem eram os auctores d'aquellas vergonhas, e vinha, de certo sem o querer, a ser injusto, fazendo recahir a responsabilidade d'ellas sobre o povo e sobre o clero, quando os auctores eram uma pequenissima e insignificante facção, dirigida pelas sociedades secretas, e protegida pelo governo, cujos membros eram, ao menos em parte, os chefes dessas mesmas sociedades. Quando conceitava comigo mesmo este plano, e estava para o comunicar a D. Antonio de Almeida, ouço de repente a meu lado uma voz, bradando: «permiite-me que vos interrompa, mr. de Montalembert, para protestar nesta solemne assemblea contra a injuria que fazeis á minha patria, á heroica e fidelissima nação portugueza. Esses factos não os attribuaes a Portugal, não os attribuaes ao bom povo portuguez, que se conserva catholico, profundamente catholico; como sempre foi, como espera em Deus ha-de ser sempre. Esses factos são obra das sociedades secretas, e não do povo: attesto-o por aquella imagem de Christo.» Esta voz era a de D. Antonio de Almeida, que não contendo a indignação, nem temendo fallar á ordem do regimento, vingava assim a honra e a gloria do seu paiz.

«A assemblea rompeu em applausos; eu não podia fazer mais, no meio d'aquella explosão de enthusiasmo, que sustentar com minha palavra a verdade d'aquelle testimonho. «É verdade! Tudo é obra das sociedades secretas; obra dos governos chamados liberaes.» Os applausos da assemblea eram tantos que já mal se podiam ouvir as ultimas palavras de D. Antonio de Almeida. A assemblea nestes unanimes applausos coroava a nobre coragem do portuguez catholico; e o presidente tocando a campanha pedia o restabelecimento da

ordem e do silencio. Então mr. Montalembert, voltando-se para o lado da presidencia, disse estas palavras, pouco mais ou menos: acceitemos as explicações que nos dá este nobre portuguez, e agradeçamos-lh'as.» Depois continuou a ler o seu eloquentissimo discurso, que sobre tudo para o fim, é obra digna da reputação europea d'aquelle illustre orador.»

E ainda bem, que n'aquella respeitavel assembléa não faltaram dois verdadeiros portuguezes, para rectificar a errada apreciação que um dos primeiros oradores d'este seculo fazia dos factos que infelizmente se tem dado, e para os quaes, como elles muito verdadeiramente disseram, não tem de modo algum concorrido o povo d'esta nação, mas simplesmente uma facção que ahí predomina com o apoio das sociedades secretas, das quaes tudo isso é obra. Agradeçamos á Providencia o ter-nos poupado a mais esta vergonha, que seria para fazer cahir as faces aos que verdadeiramente amam o titulo de *fidéllimos*.

P.

Não se cansem, que por mais que barafustem não conseguirão nunca fazerem-se considerar como bons, quando a opinião publica os aponta como máos.

O povo já os conhece, e sabe por experiencia, o que valem e o que querem esses que andam agora a affagal-o e a dispensar-lhe caricias, para depois o encomodarem com o ridiculo de suas fatuas pretensões, quando o não esmagam com a mão de ferro do seu alevantado orgulho.

São sempre os mesmos, e em toda a parte os mesmos.

Assoldados ao serviço d'uma facção, que se quer chamar popular, para mais facilmente levar a cabo a satisfação de seus ruinosos caprichos, e cevar na bonhomia do povo a sua desmarcada cubiça, e a sua insaciavel ambição do predomínio, não podem nunca elevar a sua gerencia a actos que lhes deem a consideração de benemeritos, mas rastejam simplesmente ao nivel dos interesses dessa facção a que estão ligados.

Como tem pois a ridicula pertença de se quererem fazer reeleger, esses a quem o municipio não deve a consideração de um beneficio rasoavel?

Como se atrevem a pedir ao povo que lhes dê a sua confiança por outro biennio esses de quem o povo suspeita, com fundadas razões, que tem dado máo destino ás rendas com que elle contribue para as despesas do municipio?

Que obra tem ahí feito a actual camara, contra a qual se não tenha pronunciado muito abertamente a opinião da maioria dos habitantes desta cidade e concelho?

Como não querem que nós combatamos d'aqui esta monstruosa reeleição d'uma camara extremamente politica, se o proprio orgão d'essa camara nos vem agora dizer que é essa a sua mais caracteristica feição?

Não veem os miseros, que inculcando esta, que elles julgam a mais favoravel, qualidade de seus senhores, vão justamente pôr ao manifesto o mais damnoso attributo, que pode ter uma corporação camarária! . . .

Desenganem-se: o povo não quer camaras politicas, porque n'essas predomina sempre a paixão de partido, e o interesse pessoal. O povo quer uma camara que, compenetrando-se do seu myster puramente administrativo, olhe com seria attenção pelos negocios do municipio, sem se vergar a influencias partidarias, e sem menos-cabar os interesses geraes para satisfazer os caprichos d'uma facção.

Não se cansem pois; que só poderão fazer vingar a reeleição da actual camara, se empregarem sobre os eleitores a pressão da machina eleitoral, que já vão principian-do a pôr em exercicio.

Nós porem cá estaremos de atalaia para verberar e cohibir todos os excessos e todas as prepotencias, quando forem empregadas.

Contem conosco.

P. S.

REVISTA RELIGIOSA.

Sentimos uma profunda dôr quando vemos que um d'aquelles a quem a Igreja, nestes tempos dificeis, entregou o baculo pastoral, se deixa arrastar, movido ou pelo temor ou pela vaidade, esquecido do verdadeiro Deus, a sacrificar aos falsos, tornando-se cúmplice dos perseguidores da Espôsa de Christo; dizemol-o com a mão sobre o coração, sentimo-nos profundamente magoados.

Ainda não ha muito que diziamos, talvez com certa vaidade que Deus quiz castigar, que entre o numeroso episcopado italiano unicamente um pastor infiel tinha havido, assim como entre os discipulos do Redemptor unicamente um atraitou o Divino Mestre; mas esqueçiamo-nos de que outro houvera que tres vezes o negara.

Ainda ha pouco narravamos as sentidas lagrimas de Pio IX sobre aquella luz sumida nas trevas da iniquidade, o Bispo de Ariano, Monsenhor Caputo, que maculando as vestes sacerdotaes nas orgias da impiedade abandonara a Igreja para se banquetear com os inimigos do nome do Senhor.

Ainda ha pouco diziamos que nessa sinagoga revolucionaria que se chama parlamento italiano, e onde se tem pronunciado as maiores blasfemias contra a Santa Religião catholica, e os maiores improprios contra a sagrada pessoa do Chefe da Igreja, se não sentava nem sequer um membro do episcopado, que do clero só alli se viam alguns apostatas, como Protá e como Passaglia.

Deus, porem, quiz-nos mostrar que as mais altas arvores baqueiam quando a mão do Senhor as abandona, e d'isto nos apresenta uma dolorosa prova.

A *Armonia*, excellent journal catholico, cheia de sentimento nos dá a noticia de que no dia 3 de Agosto Monsenhor Genaro di Giacomo tomara assento no senado piemontez, jurara e votara!

Monsenhor Genaro di Giacomo, Bispo de Piedimonte, é o mesmo prelado que em 22 de dezembro de 1848 prestara a Pio IX o juramento da não entrar em nenhum conselho em que se machinasse alguma cousa contra o Papa e contra a Igreja Romana: é o mesmo que em 1860 escrevia contra os inimigos do poder temporal chamando-lhes *homens perdidos*, e ás suas aspirações sobre Roma, *impio atrevimento*, e ás suas promessas, *enganos do genero humano*.

É este homem que assim escrevia e que assim jurava, que, nao obstante o exemplo de todos os outros Bispos que, nomeados senadores, muito antes do que elle, recusaram de entrar n'aquella assembléa aonde diariamente se pronunciam as mais he diondas heresias e as mais grosseiras blasfemias, o que não duvidou rasgando todo o seu passado, calcando todos os seus juramentos, de ir sentar-se n'aquella sinagoga onde perpetuamente se conspira contra a Santa Igreja catholica!

Sinceramente, tornamos a repetir, choramos sobre este infeliz que assim se despenha em tão profundo abysmo, e oxalá

que como Pedro sentiu profundo arrependimento por ter negado a Christo, dôr igual lhe possa lavar as culpas e restituir o resplendor.

Porem se começamos esta Revista lamentando a queda de um unguido de Deus, motivo temos tambem para nos enchermos de jubilo pelo modo edificante como o episcopado catholico, tomando toda a sua fortaleza e inspiração de Deus não só na Italia mas em todas as partes do mundo, corajoso afronta o martyrio e douto combate a impiedade.

Antes porem de particularisarmos alguns factos, para mostrarmos os progressos da Igreja militante, vamos a tratar de um grande acontecimento com que Deus permittiu que aos olhos de todos se revelasse a força e fraternidade com que o catholicismo se manifesta no proprio momento em que as potestades infernaes soltam pela boca de Renan o seu hymno de blasfemias; fallemos do congresso catholico de Malines ao qual o principal redactor d'este jornal foi assistir, representando alli o catholicismo portuguez.

Segundo noticias de Malines, em 18 e 19, vemos que foi, como se tinha annunciado, no dia 18 a abertura do congresso catholico; ha mais de 20 annos os catholicos da Allemanha tinham organizado semelhantes assembléas que se celebravam em diferentes cidades; a utilidade que d'estas reuniões tirava o catholicismo estreitando mais, se possível é, os seus laços, deu aos catholicos belgas o pensamento de organisarem um grande congresso a que concorressem os catholicos das diferentes nações, para em vista do pacto maçónico, atheu ou racionalista, que atacando a Igreja ataca todas as liberdades, combinarem entre si nos meios de rebater a propaganda anti-catholica que por todos os modos procura corromper as crenças dos povos para á sombra do despotismo da revolução estabelecer o seu dominio, destruir a realza pontificia, e banir a Religião de Christo do ultimo canto da terra, arrancando assim o ultimo refugio ás nossas consciencias.

Este pensamento grandioso é o que se effectuou.

No dia 18, pelas 10 horas da manhã, 2360 pessoas já chegadas á cidade de Malines, das 3400 que se tinham feito inscrever, se dirigiam ao pequeno seminário diocesano, que o Cardeal Engebart Sterckx tinha posto á disposição, e depois em corporação e por meio de alas de immenso povo que concorrera a presenciar um tão soberbo espectáculo, foram á cathedral de Saint Romberty aonde depois do cantico sagrado — *Veni Creator* — Sua Eminencia o Sr. Cardeal Arcebispo celebrou uma missa pontifical, para assim implorar a protecção de Deus sobre os trabalhos de tão augusta assembléa.

Depois d'esta cerimonia religiosa, os membros do congresso regressaram outra vez ao seminário para a abertura da sessão.

Nesta assembléa via-se grande numero dos mais distinctos caracteres do catholicismo, que dignamente representavam a Igreja e as letras; alli se viam os Cardeaes Sterckx Arcebispo de Malines e primaz da Belgica, e Wiseman Arcebispo de Westminster, os Bispos de Gand, de Tournay, de Namour, de Adelaide na Australia, o Bispo Armenio de Jerusalem, Mr. Maning, Monsenhor Rau, reitor da universidade de Louvain, Monsenhor Nardi, Monsenhor Meslin, o abbade Paterson, o duque de Salorati, o marquez Patrizi, o conde Werner de Merode, o conde de Champagny, o conde de Montalembert, visconde de Melen, M. Adolpho Roudon, Mr. Haulleville. Mr. Albieri e Casoeni, redactores do «Ecco de

Bologne», e muitos outros que extenso seria nomear.

O primeiro acto da assembléa constituida foi, depois dos discursos pronunciados pelo presidente honerario o Cardeal Arcebispo de Malines, e pelo presidente effectivo, o barão de Gerlache, que cheios de eloquencia e vigor exposeram os fins e as causas da convocação do congresso catholico, o votar que immediatamente pelo telegrapho se transmittisse ao Cardeal Antonelli, para pôr aos pés de Sua Santidade, como testemunho de dedicação e de reconhecimento dos membros do congresso a seguinte mensagem:

Beatissimo Padre

«Ao sair da veneravel basilica, aonde temido implorar sobre seus trabalhos as bençãos de Deus, os catholicos juntos em Malines, consideram como o seu primeiro dever e como a primeira necessidade do seu coração, depor aos pés do Vigario de Jesus Christo a homenagem da sua veneração e do seu amor.

«Vós sois Pontifice, Beatissimo Padre.. e a este titulo augusto nós veneramos em vossa pessoa sagrada o Pastor dos pastores, o chefe da grande familia catholica, o orgão infallivel da verdade, o guarda da fé.

«Vós sois REI, nós nos inclinamos com respeito diante da vossa realza pontifical, tão legitima como antiga. E nos apraz repetil-o com o episcopado todo inteiro: o patrimonio da Igreja que Vossa Santidade defende com uma tão inabalavel firmeza, é providencialmente destinado a ser a salvaguarda da independencia do Papado, e a inviolavel fortaleza da liberdade de nossas almas.

«Vós sois PAE, deixai-nos testemunhar a Vossa Santidade todo o ardor de nossa filial ternura, e dizer-lhe que nós confundimos n'um mesmo amor a Igreja e Pio IX. Vosso nome oh! grande e intrepido Pontifice, está em todos os labios e no fundo de todos os corações: e principalmente nestes dias dificeis, este nome abençoado se mistura em todas as nossas orações.

«Se as provações deste tempo são grandes e dolorosas, tem ellas ao menos servido para fazer comprehender aos catholicos a precisão de se organisarem com mais conjuncto e energia do que nunca, para assegurar a liberdade da Igreja e de todas as obras que ella inspira. Quando de um extremo ao outro do mundo os homens se associam para todos os interesses da vida, e muitas vezes, mesmo para a propagação do mal, nós catholicos, nós temos o direito e o dever de nos associarmos para os interesses do bem. Este direito sagrado nós esperamos exercel-o com a perseverança e abnegação que convem aos discipulos de Christo.

«De todas as partes os inimigos da nossa fé se ligam para abalar os alicerces da Igreja de Deus; nós, filhos dedicados desta Igreja, nós pomos em commum todas as nossas forças para a defender, queremos estreitar entre nós os laços de uma santa caridade, fortificar-nos contra as seduções e violencias do seculo, esclarecer-nos e animarmo-nos uns aos outros; procurar emfim os meios de alliviar e consolar estas crianças e estes pobres que nosso Senhor Jesus Christo amou com uma tão profunda ternura.

«Possá Deus cheio de bondade ouvir as nossas supplicas e abençoar os nossos esforços! Possá Elle glorificar e exaltar a nossa Santa Madre Igreja e fazel-a triumphar de todos os seus inimigos! Possá, Elle, dar a Vossa Sanctidade, tanto na terra como no céu a recompensa devida a tantas virtudes, e a tantas dores, e a tantas pe-léjas!

«São estes os votos que formamos Beatiſſimo Padre, prostrando-nos a vossos pés para receber a vossa bênção apostolica.»

«Malines 18 de Agosto de 1863.»

Na sessão do dia 19 adoptou-se sem discussão as seguintes propostas de Mr. de Melun:

«1.º O dever da caridade é uma prescripção do Evangelho. Todo o obstaculo posto ao cumprimento d'este dever é um embaraço posto á observação de uma lei da Religião catholica. A liberdade da caridade é pois o corollario da liberdade religiosa.»

«2.º A liberdade da caridade implica o direito de praticar todos os actos necessarios para a fundação, para o desenvolvimento e perpetuidade das suas obras.»

«3.º Quando em nome do interesse geral, o Estado julga dever impor condições ao exercicio deste direito, estas condições devem ser antecedentemente determinadas pela lei e não dependerem da vontade arbitraria da administração publica.»

«4.º Em nenhum caso e sob nenhum pretexto, o Estado, ou em seu nome a assistencia official, poderá substituir-se á caridade particular, seja na direcção e administração das suas obras, seja para a execução marcada a uma doação ou a um legado, por um bemfeitor caritativo.»

Pela adopção d'estas propostas em favor da liberdade da caridade, se patentea toda a importancia do congresso de Malines em favor do catholicismo, porém esta importancia ainda se torna mais manifesta pelos trabalhos emprehendedos no dia 20.

Na manhã d'este dia reuniram-se as commissões e entre outras decisões foi adoptada a de que a commissão permanente, com o concurso dos Bispos, redigisse uma estatistica a mais exacta possivel da communhão catholica nos diversos paizes em relação particularmente á população, clero, ordens religiosas, estabelecimentos dedicados ao culto, obras e instituições pias, caritativas de instrucção e educação, ás missões, ao estado physico, intellectual e moral das populações catholicas etc.

As 2 horas celebrou-se a sessão geral, não publica, na qual se tractou de propostas relativas á imprensa. Mr. Digard apresentou ácerca d'este objecto um bem elaborado relatório, concluindo pela formação d'um jornal catholico internacional.

Mr. Haulleville leu um relatório ácerca das associações catholicas, que foi adoptado unanimemente em suas conclusões, e Monsenhores Nardi, Alberi de Florença e Casotti, redactores do *Ecco de Bologna* expuseram eloquentemente a situação do catholicismo nas provincias annexadas ao Piemonte.

A sessão publica começou ás 6 horas, e nella Mr. de Montalembert, leu um discurso desenvolvendo a formula a *Egreja livre num Estado livre*, e impellindo os catholicos a assumirem a sua importancia na vida civil; citaremos deste discurso unicamente um periodo:

«Urge que os catholicos acceitem, disse o orador, francamente a liberdade, mas a liberdade completa, não a liberdade politica sem a liberdade religiosa; não a liberdade civil sem a liberdade politica; detestavel hypocrisia que consagra a igualdade, mas a liberdade em tudo, em todas as manifestações da vida social.»

Apoz o orador fallou Mr. Fouché du Carreil.

Se esta sessão foi importante, a sessão de 21 ficará assignalada nos annos de catholicismo: a causa da ordem e da liberdade, a causa do catholicismo e do pontificado alcançaram brilhantes triumphos neste dia,

tanto na reunião da manhã como na da tarde.

A sessão da manhã como as precedentes foi aberta por uma oração de Sua Em.º o Cardeal Arcebispo Sterckx que a assembléa ouviu de pé com profundo recolhimento: no principio da sessão se decidiu a criação de um fundo commum para dar á commissão permanente meios para realisar os votos expressos pelo congresso; depois a assembléa adoptando as conclusões da 5.ª secção emitiu um voto contra a publicação de suicidios em jornaes catholicos, e foram votadas apoz um relatório do Cavalheiro Van Troeyen as propostas para se obstar aos damnos que occasiona a profanação dos dias sanctificados e para buscar por todos os meios que seja devidamente guardado o domingo.

Mr. Woest em nome da 3.ª secção apresentou o relatório ácerca da questão do ensino e da intervenção do sacerdote na escola, e as conclusões do seu relatório foram adoptadas.

Depois Mr. Perrin, professor de economia publica na universidade de Louvain tractou a questão capital da caridade como um rigido logico e um eloquente orador, desenvolvendo esta these, que a caridade deve ser essencialmente religiosa, porque não ha caridade sem fé, isto é, sem religião. A este orador, que obteve applausos unanimes, seguiram-se o abbade Merinillod, e Mr. Cochin, que fecharam a sessão com dois brilhantes discursos.

Não historiaremos as outras sessões; sufficiente nos será dizer que o espirito de cordialidade e de verdadeira fraternidade christã nellas se manifestou, sendo um espectáculo tocante o ver-se quatro mil catholicos discutirem durante cinco dias as mais importantes e diversas questões sem que uma só vez a ordem fosse alterada.

Mr. Verspeyn fallou ácerca do Dinheiro de S. Pedro, e durante o seu discurso houve um episodio tocante; o orador mencionando as nações que tem corrido em socorro do Pae commum da Egreja deixara de nomear a Polonia, e um polaco se levantou reclamando contra a ommissão.— Não me esqueço da Polonia— replicou o orador, e passou a refferir a historia de um peregrino polaco que das suas longinquas florestas veio até Roma consolar Pio IX das suas tristes amarguras.

Este espectáculo de duas grandes dores reunidas commoveu a assembléa.

Outro episodio não menos tocante, e esse nos diz respeito, teve lugar durante o discurso de Mr. Montalembert. O orador disse que Portugal tinha expulso as irmãs da caridade, e mal tinha acabado de pronunciar estas palavras que um portuguez, de quem poderiamos citar o nome, contra ellas protestou solemnemente, bradando — Não, não foi o paiz; o paiz é catholico, o paiz permanecera sempre catholico; foi o governo, foram os maçons.— A assembléa applaudiu, com entusiasticas bravos as palavras do nosso digno compatriota. Deixemos porém de narrar episodios, passemos mesmo omittindo por hoje a relação minuciosa das questões que agitaram a assembléa e as suas decisões, e digamos que de tudo que alli se passou resulta uma grande verdade, e é que um grande e generoso movimento se opera entre os catholicos, e que uma aurora de esperança desponta no horisonte e tudo promete que a Providencia vai realisar as grandes promessas feitas á Egreja pelo Verbo encarnado:

Dabo tibi gentes hereditatem tuam.

Porém, quanto mais se aproxima esta hora prometida mais se exaspera a colera das potestades infernaes que trasborda em hediondas blasfemias e terriveis perseguições contra a Egreja.

Quizeramos, como tinhamos prometido no principio d'esta Revista, fallar d'estes factos e da maneira heroica com que o catholicismo lhe resiste, manifestando todo o seu poder, quizeramos fallar de Roma, das missões, das conversões, da pessoa do Vigario de Christo, do grandioso espectáculo da festa da Assumpção da Immaculada Virgem na basili a do Vaticano, da vida que desenvolve a Religião catholica nos paizes protestantes, nas pastoraes com que o episcopado previne, refutando os erros, os lieis contra os escriptos impios; quizeramos fallar desta nossa terra em que a propaganda protestante parece protegida e a Egreja catholica coacta nas suas manifestações, porém tratando do congresso catholico, o assumpto nos levou mais longe do que tinhamos tenção, e isto nos obriga a deixar para o proximo numero estes interessantes assumptos, esperando que a indulgencia dos nossos leitores nos desculpe.

F. P.

(Fé Catholica.)

NOTICIARIO.

Salve-se quem poder! — Ate que afinal, disse, se quer, um cousa acertada o *faceto* noticiaria do *Vimaranense*, quando chrisinou a sua primeira local do n.º 125 com a epigraphe que nós lhe tomamos para esta nossa.

Salve-se quem poder, porque em vista do estado em que se acham as nossas finanças, e da voracidade com que tem sido *papados* os productos immensos da venda de immensos bens, não pode restar duvida, que dentro em pouco seremos nós mesmos engolidos.

Fallem por nós os seguintes apontamentos:

O *Estandarte*, periodico de Lisboa, citado pela *Nação* n.º 643 de 5 Novembro de 1849, diz:

«Em 24 de Julho de 1823 a divida publica de Portugal era de 16:868:000\$ rs. (42 milhões de cruzados e 68 contos de réis)»

Os encargos annuaes (em 1849) da divida externa, que vão para a praça de Londres, são de réis 1:843:087\$907 (4 milhões e meio de cruzados, e 43:087\$907 réis.)

A venda dos bens nacionaes depois do anno de 1834 importou em mais de 100 milhões de cruzados.»

A este respeito diz a «Democracia» de 22 de Junho de 1861, que pelo inventario das cassas religiosas do sexo masculino haviam 27:660 pares de castiças de prata, que produziram aproximadamente 1:600 contos.

O mesmo *Estandarte*—n.º 430 de 2 de Julho de 1849, diz: A divida publica fundada, (interna e externa) fluctuante e corrente em 10 de Setembro de 1836 era de réis — 68:600:000\$000 (171 e meio milhões de cruzados.)

Em Novembro de 1839 era de réis — 83:200:000\$000 (208 milhões de cruzados)

Na *Epoca*, jornal lisbonense, de 7 de Fevereiro de 1862 lê-se:

«Em 1857 a divida com o juro, interna e externa a cargo da junta do credito publico, ascendia a 101:859:000\$000 réis (254 milhões de cruzados com 259 contos de réis.)»

No pequeno espaço de pouco mais de quatro annos augmentou a divida 48 mil contos (120 milhões de cruzados.)

A receita geral do estado para o anno actual (1862) está calculada no orçamento em 14:328:760\$000 réis (ou 35 milhões de cruzados com 328 contos e 760 mil réis) Temos pois, absorvida quasi a metade da receita do estado pelo pagamento dos juros annuaes (6:504:590\$000 réis ou 16 milhões de cruzados com a quantia de 104:590\$000 réis) !!!»

O *Povo*, periodico de Lisboa de 14 de Novembro de 1858 diz:

«Segundo as diversas contas publicadas pela junta do credito publico, a nossa divida consolidada no dia 24 de Agosto de 1833 era de réis — 16:868:407\$866, absorvendo de juro réis — 1:320:751\$817.

Em 30 de Junho de 1857 a nossa divida consolidada externa e interna montava a 99:970:527\$727, não fallando na divida differida, cuja importancia era de réis 4:882.721\$730.»

O mesmo jornal, de 28 de Julho de 1857 diz:

«Divida de Portugal um anno depois de acabada a guerra de D. Miguel era de réis 55:280:990\$104; e vinte annos depois — 93:914:346\$835 réis.

A *Opinião* diz tambem, no seti n.º 1007 de 10 de março de 1860 «Consulte os nossos orçamentos, e ali verá que d'esde 1833 até 1860 a divida publica subiu de réis 47:926 contos, a 130:433 contos; e que em 1821 montava o deficit 811 contos, ao passo que hoje é de 1:483 contos!»

Agora acrescente-se a isto o monstruoso emprestimo ha pouco contrahido em Londres, e as outras ruinosas operações financeiras do actual ministro da fazenda, e julgue-se se não disse bem, sem o querer, o ronhoso rabiscador que esgarafuncha noticias para o *Vimaranense!*

Salve-se quem poder, gritamos nós ainda, porque d'aqui a pouco somos todos engolidos na voragem!

Alviçaras. — O fazedor da *gasetilha graciosa* (o homem, se não tivesse outras manhas, podia levar a vida por *gracioso*) do *Vimaranense* promete um premio de tal ou qual valia a quem se encarregar de levar para onde elle já devia estar ha muito tempo, o noticiaria d'esta folha.

Pois nós, á nossa vez, promettemos QUINHENTOS E TRINTA RÉIS de alviçaras (olhem que já é!) a quem se encarregar de escorraçar para sitio onde não possa exercer a sua costumada *industria* uma *ladina pega*, que por ali se *enfeita com galas emprestadas*, e descobrir o buraco onde ella *esconde* os objectos, que a sua *industria* apanha.

Querera ganhar este premio o chroniqueiro do *Vimaranense?*

A Gloria. — É o titulo d'um novo jornal litterario, que principiou a publicar-se nesta cidade, e de que é principal redactor o ill.º snr. Valentim Moreira de Sá Junior.

Ronagem. — Foi terça-feira a romaria de Nossa Senhora do Porto d'Ave, a tres legoas de distancia d'esta cidade. Passaram por aqui bastantes romeiros, mas em menos abundancia que nos annos anteriores.

Prior da Magdalena. — Sentimos ter de dar aos nossos leitores a pouco satisfactoria noticia de que o nosso estimado patrio e amigo o snr. prior da Magdalena em Lisboa que tinha vindo a esta cidade, receber os *ares patrios* para ver se conseguia algumas melhoras d'um padecimento que ha annos o tem encommoado, não só não melhorou nada, mas foi ainda acommettido d'uma ictericia formal.

Preces. — Está dada a ordem para se fazerem preces pro felici partu de S. M. a Rainha, que se acha no nono mez de gravidez.

Falta sensivel. — Continua ainda a falta de pessoal necessario para o desempenho do serviço da estação telegraphica d'esta cidade. Todo o pessoal d'esta estação se reduz ao commandante e a uma praça, de sorte que, como ha pouco succedeu, se a esta sobrevier algum encommodo, tem o commandante, ou de fechar a estação, ou de fazer elle só todo o serviço.

Pedimos de novo promptas providencias.

Correspondencia. — Não publicamos hoje, por falta de espaço, uma carta que nos enviou o nosso amigo que de Vermoil nos tem obsequiado com algumas correspondencias, do que lhe pedimos desculpa.

E a este respeito temos ainda a acrescentar, que deixamos a sizienz do nosso amigo a responsabilidade inteira dos factos que alli aponta.

Visita. — Esteve a semana passada entre nós, o nosso caro patricio e amigo, João Cesar Pinto Guimarães, illustrado redactor do «Purgatorio».

S. s.^a na sua excursão pelo Minho, não se esqueceu de visitar a sua terra natal, e os numerosos amigos que aqui conta.

O Municipio. — Recebemos os primeiros numeros d'um jornal que com este titulo principiou a publicar-se diariamente em Lisboa. Advoga os interesses materiaes e economicos do paiz. Desejamos longa vida ao nosso collega.

Revolução de Setembro. — Agradecemos a generosidade com que a redacção d'este illustrado periodico da capital brindou o nosso humilde semanario, dignando-se trocar com elle a sua folha.

Que respeitavel assemblea! — O congresso catholico que ultimamente teve logar em Malines foi na verdade uma assemblea das mais illustres e numerosas que se tenha visto. Juntaram-se n'ella perto de quatro mil pessoas, das mais graduadas em sciencias e virtudes.

Tambem será reaccionario? — O governo belga, que é um dos mais liberaes governos da Europa, mandou que os membros do congresso, que se celebrou em Malines, tivessem o privilegio de andar pelos caminhos de ferro, que são propriedade do estado, por metade do preço.

Estará tambem assoldado ao serviço da reacção?

Novo congresso. — No jantar de despedida, que houve depois de fechado o congresso de Malines, o em.^{mo} Cardeal Wiseman disse, n'uma saude, o seu A DEUS da seguinte maneira: — «até á vista... em Inglaterra sim; dai-me um secretario como Mr. Ducpetiaux, e eu vos prometto que teremos em Inglaterra um congresso tão numeroso e illustre como este.»

Portos infeccionados. — Por declaração do conselho de saude publica do reino são considerados, infeccionado de febre amarella desde 2 de Julho o porto de Loanda e suspeitos da mesma todos os mais portos da provincia d'Angola.

Querem-n'o mais claro? — Tem causado grande bulha na imprensa a pastoral de S. Ex.^a Rv.^{ma} o Sr. Arcebispo Primaz, que verbera com verdadeira coragem apostolica

as nefandas tentativas da propaganda protestante.

Até agora accusavam o Episcopado por se importar só com o decreto de 2 de Janeiro, e aconselhavam-o a que se importasse antes em reprimir a propaganda; agora, que os bispos acodem a salvar o deposito da fé, que a propaganda pretênde corromper, accusam-n'o de intolerante, e de attentar contra os direitos do poder civil!...

Querem-n'o mais claro?...

Egrejas a concurso. — Por decreto de 31 de Agosto foram postas a concurso, em conformidade com o artigo 13 do decreto de 2 de Janeiro as seguintes egrejas: Amor (S. Pedro e S. Paulo), concelho e diocese de Leiria.

Caridade (Nossa Senhora da Caridade) concelho de Reguengos, diocese de Evora.

Celaviza (S. Miguel), concelho de Arganil, diocese de Coimbra.

Carvalho Redondo (S. João Evangelista), concelho de Nellas, diocese de Vizeu.

Castro Marim (S. Thiago), concelho de Castro Marim, diocese do Algarve.

Lorica (Santa Maria Maior), concelho de Ceio, diocese de Coimbra.

Parafita (S. Mamede) concelho de Bouças, diocese do Porto.

Ribeira (S. João), concelho de Seuzel, diocese de Evora.

Tangil (o Salvador), concelho de Monção, diocese de Braga.

Verride (Nossa Senhora da Conceição), concelho de Montemor o Velho, diocese de Coimbra.

AGRADECIMENTO.

Francisco José Marques e Silva, e seus irmãos, agradecem a todos os ill.^{mos} srs. que se dignaram honral-os com suas vizitas, por occasião do fallecimento de sua presada mãe; e a todos protestam seu indelevel reconhecimento.

PUBLICAÇÕES LITTERARIAS.

O PROGRESSO PELO CHRISTIANISMO.

CONFERENCIAS RECITADAS NO TEMPLO DE

NOSSA SENHORA DE PARIZ.

PELO REVERENDO PADRE FELIX.

ESTÃO PUBLICADAS AS DOS ANOS DE 1861 E 1862.

Vende-se em Lisboa no escriptorio do jornal a Nação, e na loja do sr. Lavado; no Porto em casa do sr. Ignacio Corrêa, rua do Bellomonte, n.º 2 e 4; e em Coim-

bra em casa do sr. Mesquita, rua das Covas. Os snrs. das provincias que desejarem quaesquer d'estas obras, podem dirigir-se por valles do correio, ao sr. A. J. de Vadre Manique, rua da Encadernação, n.º 20, em Lisboa.

PREÇO

Para os snrs. assignantes da *Fé Catholica*, cada exemplar.....360
Avulso.....500

O MONITOR PORTUGUEZ.

HEBDOMADARIO

NOTICIOSO, LITTERARIO, ARTISTICO E COMMERCIAL.

PREÇO DAS ASSIGNATURAS

Por 13 numeros.....650 rs.
Por numero.....60 »
Para fóra da capital accresce mais o importe do correio.

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES

Correspondencias e communicados por linha.....50 rs.
Annuncios, por linha.....20 »
Annuncios de publicações litterarias, gratis, recebendo-se dois exemplares.

Redacção e administração, rua Nova da Trindade n.º 72 — primeiro andar.

ARCHIVO JURIDICO

PERIODICO MENSAL DE NOTICIAS JUDICARIAS E LEGISLAÇÃO DE MAIS INTERESSE, TANTO ANTIGA COMO MODERNA.

Publicou-se o n.º 25 da 2.ª serie que contém:

Instrucções regulamentares para o lançamento da contribuição pessoal (Decreto de 7 de Julho de 1863);

Lei que manda pagar impostos municipaes aos empregados administrativos, aos funcionarios ecclesiasticos e civis aposentados ou não aposentados, aos militares reformados, aos pensionistas do estado e aos egressos (22 de Julho de 1863);

Ultimas alterações na parte das alfandegas (11 e 14 de Julho de 1863);

Regulamento para o registro das embarcações do alto mar (8 de Julho de 1863);

Lei regulando a formação dos bancos hypothecarios (13 de Julho de 1863);

Portaria regulando as licenças aos juizes, delegados, e mais empregados de justiça (4 de Agosto de 1863).

Continua a assignar-se no Porto, rua do Bonjardim n.º 69 defronte da Viella da Netta—aonde tambem se vendem collecções completas e n.º avulsos.

PREÇO

Para o Porto, anno ou 12 n.º... 1\$000
« as Provincias (franco de porte)..... 1\$440
Avulso para o Porto, cada n.º... 5120

Para as provincias (franco)..... \$150
Os dous volumes da 1.ª serie (para o Porto)..... 2\$000
Para as provincias (franco)..... 2\$300

Reimprimiram-se os numeros 2 e 3 da 2.ª serie do «ARCHIVO». — Aquelles snrs. a quem elles faltarem, podem requisital-os

O n.º 26, entre a mais legislação que contiver, publicará tambem a lei de perfillações — e a que prorroga o prazo para a remissão dos foros.

Logo que no «Diario de Lisboa» appareca o regulamento de lei hypothecaria, será publicada no «ARCHIVO» com preferencia a outra qualquer legislação.

Aquelles snrs. cuja assignatura terminou com o numero 24, e a quem já particularmente avisamos, queiram reformal-o até ao numero 26, sem o que não lhe é continuada a remessa do «ARCHIVO».

O importe das assignaturas ou n.º avulsos pôde ser enviado em estampilhas ou vales do correio, a José Lourenço de Sousa.

ANNUNCIOS

VENDE-SE um fóro de 8:000 réis, imposto n'uma casa e quintal na rua que atravessa da Cruz da Pedra para S. Lazaro, que pertence a Joaquim José d'Oliveira e mulher, da rua da Cruz da Pedra, do logar da Devesa.

Um fóro de 10 alqueires de centeio e 10 de milho imposto no casal de Esparia, de que são possuidores Luiz Antonio Goussalves e mulher, d'esta cidade.

Um fóro de 6:000 réis em dinheiro imposto n'uma morada de casas de Antonio José Pereira de Lima da Cruz da Pedra.

O casal de S. Mamede com suas pertenças, sito na freguezia da Costa, que é allodial, e que paga de renda annual 120 alqueires de milho.

Quem quizer comprar, pode dirigir-se ao sr. Antonio da Costa Guimarães, que está auctorizado para contractar. (9)

Vendem-se dous alambiques de cobre, usados, em bom estado; quem os pertender, falle nesta cidade, na rua da Fonte Nova n.º 11.
12

O BARÃO DA TORRE, de Villa Cova da Lixa, muda a sua residencia e domicilio no S. Miguel proximo, para a cidade de Guimarães. (10)

GUIMARÃES—TYP. DA «RELIGIÃO E PATRIA»
PRAÇA DA OLIVEIRA N.º 16.